



1º ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO
12º ENCONTRO REGIONAL
23ª SEMANA ACADÊMICA
SECRETARIADO EXECUTIVO



Repensando a Forma de Educar

Mirêia Maria Joau de Carvalho
(Doutora em Ciências Empresariais – UMSA/AR)

Este artigo pretende ser uma provocação: se para você esta questão não tiver nenhum sentido particular, convido-o a uma leitura por simples curiosidade. Busque refletir sobre a forma de educar e tenha foco não na forma (currículos e aulas), mas no fundo (o que dá sentido).

O que vou lhes propor aqui é que exploremos a possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido. O que vou fazer mais a frente é sugerir certo significado para estas duas palavras em distintos contextos, e depois veremos como isto nos soa – falar em educação, como nos fala Bondia, (2002).

Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete, sobretudo a uma perspectiva política e crítica. De fato, somente nesta última perspectiva tem sentido a palavra “reflexão” e expressões como “reflexão crítica”, “reflexão sobre prática ou não prática”, “reflexão emancipadora” etc. Se na primeira alternativa as pessoas que trabalham em educação são concebidas como sujeitos técnicos que aplicam com maior ou menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas produzidas pelos cientistas, pelos técnicos e pelos especialistas, na segunda alternativa estas mesmas pessoas aparecem como sujeitos críticos que, armados de distintas estratégias reflexivas, se comprometem, com maior ou menor êxito, com práticas educativas concebidas na maioria das vezes sob uma perspectiva política.

Tudo isso é suficientemente conhecido, posto que nas últimas décadas o campo pedagógico tenha estado separado entre os chamados **técnicos** e os



1º ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO
12º ENCONTRO REGIONAL
23ª SEMANA ACADÊMICA
SECRETARIADO EXECUTIVO



críticos, entre os partidários da educação **como ciência aplicada** e os partidários da educação **como práxis política**.

Vale perguntar como se encontra a política brasileira de educação superior e quais os parâmetros que estamos seguindo para a formação dos profissionais de nível superior? Discutir o projeto pedagógico para os cursos de Secretariado Executivo é a preocupação primordial desta seção dado a sua importância no novo cenário que se descortina para as profissões historicamente construídas. Nessa tarefa, me proponho a compartilhar aquilo que compreendo como um projeto pedagógico no contexto das instituições de ensino superior.

Projeto vem do lat. *Projectu*, lançado para diante' (Aurélio, 1986 p.1400). O que significa, também, realizar algo no futuro. Nesse sentido, Mazzilli (1992 p. 57) coloca o projeto como uma tarefa prospectiva, visto que organizamos algo que está por vir tomando como referência as experiências passadas, mas sem esquecer o ponto onde estamos.

Sob esse ponto de vista, um projeto tem dois movimentos dialeticamente relacionáveis: um, caminha para frente e **'lança para diante'** algo que queremos, o outro, caminha para trás **quando coloca à nossa frente algo que nos dá referências**, isto é, nossas experiências passadas. Dessa forma, projetamos nessa travessia, futuro e passado; e passado e futuro, sempre um horizonte, uma possibilidade: aquilo que almejamos coletivamente alcançar. **Mas o que queremos alcançar para o curso de Secretariado Executivo que, imperativamente, nos convoca a efetivar essa travessia? Como repensar a formação de Secretários Executivos?**

Vale salientar que esta reflexão serve para todas as áreas de conhecimento que deve repensar a forma de construção pedagógica dos seus cursos como: par ciência/técnica que remete a uma perspectiva positiva e



1º ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO
12º ENCONTRO REGIONAL
23ª SEMANA ACADÊMICA
SECRETARIADO EXECUTIVO



retificadora; o par na teoria/prática que remete, sobretudo a uma perspectiva política e crítica.

Esta forma de pensar a educação chama minha atenção para os modismos que apareceram nos últimos dez anos, que nos remetem a algumas expressões como: “sociedade do conhecimento”, “sociedade da informação”; “sociedade da aprendizagem” (*Learning Organization*). O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está mais bem informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça na construção da sua subjetividade. Além disso, seguramente todos já ouvimos que vivemos numa “sociedade de informação”. E já nos demos conta de que esta estranha expressão funciona às vezes como sinônima de “sociedade do conhecimento” ou até mesmo de “sociedade de aprendizagem”. Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos “**informação**”, “**conhecimento**” e “**aprendizagem**”.

Remetendo a uma nova forma de compartilhar a educação, venho elucidar sobre a experiência/sentido como nos fala Bondia, (2002).

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara

Desta forma, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti-experiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência.



Falar sobre o **saber de experiência** é separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma universidade, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. Vejamos o pensamento de Benjamin (1991).

A ciência moderna, a que se inicia em Bacon e alcança sua formulação mais elaborada em Descartes, desconfia da experiência. E trata de convertê-la em um elemento do *método*, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo. Aparece assim a idéia de uma ciência experimental. Mas aí a experiência converteu-se em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência.

Interessante também refletir que as velhas metáforas organicistas do social e do organizacional, que tantos jogos permitiram aos totalitarismos do século passado, estejam sendo substituídas por metáforas cognitivistas, seguramente também totalitárias, ainda que revestidas agora de um *look* liberal democrático, modelo de educação baseada no currículo por competência, como nos fala Araújo (2001).

[...] noção de competência vem ganhando projeção principalmente em razão das capacidades efetivas de um indivíduo desempenhar uma tarefa, não se limitando às capacidades potenciais desenvolvidas em processos formais prévios. Ou seja, o desenvolvimento de competências não poderia ficar restrito ao acúmulo de conhecimentos teóricos, com fins em si mesmos, devendo abranger capacidades de execução e resolução de situações que tragam sentido a vida.

Ante a grande ênfase dada às competências, é essencial questionar se o pensamento curricular pautado em tal noção estaria atrelando o valor do



1º ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO
12º ENCONTRO REGIONAL
23ª SEMANA ACADÊMICA
SECRETARIA DO EXECUTIVO



conhecimento apenas à sua aplicabilidade sem um sentido à vida, sem a realização de sua emancipação, funcionando apenas em consonância com o mercado.

Observa-se, como aponta Ramos (2001), a legitimação de uma lógica que reduz o sentido do conhecimento ao pragmatismo, já que a sua validade passa a ser julgada pela viabilidade apenas a utilidade de que dispõe. Essa possibilidade corrobora a hipótese levantada por Lyotard (2002), de que, na atualidade, o saber pode não encontrar mais a sua validade em si mesmo, em um sujeito que se desenvolve atualizando suas potencialidades de conhecimento, mas num sujeito prático preocupado em aumentar apenas a sua eficácia, sem um questionamento sobre a sua experiência. Assim, o valor do conhecimento, em oposição aos ideais ao sujeito da experiência.

Certa tendência aparentemente progressista no campo educacional que, depois de criticar o modo como nossa sociedade privilegia as aprendizagens acadêmicas, pretende implantar e homologar formas de contagem de créditos para a experiência e para o saber de experiência como se fosse adquirido no trabalho (prática). Por isso é interessante em **distinguir entre experiência e trabalho** e, além disso, em criticar qualquer contagem de créditos para a experiência, qualquer conversão da experiência em créditos, em mercadoria, em valor de troca, ou melhor, estar atendo para a economia de mercado que padroniza e mercantiliza a educação distanciando da experiência. (BONDIA, 2002).

Falar de educação da experiência é considerar o sujeito da experiência como um território de passagem, algo como uma superfície sensível em que aquilo que acontece o afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos, principalmente éticos. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece,



1º ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO
12º ENCONTRO REGIONAL
23ª SEMANA ACADÊMICA
SECRETARIADO EXECUTIVO



a quem nada lhe sucede a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. Apenas sujeitos que se preocupam com produtividade, eficiência, sucesso, empregabilidade e inserção no mercado, preocupados unicamente do que pensam sobre ele, do que falam sobre ele e, dos que abrem as portas para eles e, por que não dizer, os que não pensam nos outros, os que falam mal dos outros e os que não dão oportunidades aos outros, estão construindo no presente algo perecível – apenas alienante, com “pseudo certezas”.

O sujeito da experiência é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera. Em contrapartida, o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, **definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade.** (HEIDEGGER, 1987)

Um sujeito da experiência se questiona na construção de um ser inacabado, que respeita a mudança, sua e do outro, tem foco na ciência aplicada como melhoria da sociedade e busca a experiência para desenvolver o conhecimento que existe no seu lugar, mas também no lugar do outro. Na construção inacabada desenvolve a ética como norteadora do bem comum, e encontra-se determinado a saber e ter sabedoria.

Desta forma, dentro dos parâmetros decorrentes, como repensar a formação de Secretários Executivos pela experiência sobre o saber da experiência? Em primeiro lugar, precisamos problematizar esse discurso que está



instalando na educação sem uma crítica, a cada dia internalizamos que a sociedade pensa como um mecanismo de processamento de informação, e, se com isso sinto-me anestesiado, submetido, manipulado, devo reagir a este processo de práxis política, não aceitando qualquer mudança sem colocar em foco o estudante. O que eu quero apontar aqui é que uma **sociedade constituída sob o signo da informação** é uma sociedade na qual a experiência é impossível.

Em segundo lugar, a experiência é cada vez mais rara por **excesso de opinião**. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. **Depois da informação, vem a opinião**. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça.

Em terceiro é o periodismo. **O periodismo é a fabricação da informação**. E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência. O fato de o periodismo destruir a experiência é algo mais profundo e mais geral do que aquilo que derivaria do efeito dos meios de comunicação de massas sobre a conformação de nossas consciências. (BONDIA, 2002).

Em quarto lugar, a experiência é cada vez mais rara, por **falta de tempo**. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. Com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por



1º ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO
12º ENCONTRO REGIONAL
23ª SEMANA ACADÊMICA
SECRETARIADO EXECUTIVO



outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. São pulsões que nos levam ao prazer / desprazer sem equilíbrio. O “Mal-Estar na Civilização” apresenta como idéia principal a discussão da repressão que é imposta pela sociedade. Nesse meio social repressivo, cada indivíduo está exposto a uma espécie de policiamento, e essa alienação diante das regras inibe o desenvolvimento do ser humano. Como o instinto humano é, naturalmente, agressivo, ao se libertar desse sistema repressivo, a tendência é a destruição do meio em que vive. O desenvolvimento do indivíduo, bem como da civilização da qual faz parte, somente são possíveis a partir do controle das pressões impostas ao homem. (FREUD, 1929)

Finalizando, se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Cabe à educação e aos educadores buscar em seus projetos pedagógicos amenizar a dor da existência, na construção de projetos que caminham para frente e ‘lança para adiante’ algo que queremos construir: o ser novo, “ser humano”, que conhece, tem informação, e aprende, mas acima de tudo que vivencia o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Sairemos de uma sociedade narcísica e histérica para uma sociedade que constrói bens pessoais e bens para os outros, se transformando e transformando a cultura vigente.

Miréia Maria Joau de Carvalho, Professora, Secretária Executiva, Psicóloga. Doutora em Ciências Empresariais pela UMSA/AR; Mestre em Responsabilidade Social e Desenvolvimento Humano CEPEV/BA; Especialista em Administração de Recursos Humanos CEPEV/BA; MBA Gestão Organizacional e Desenvolvimento



1º ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO
12º ENCONTRO REGIONAL
23ª SEMANA ACADÊMICA
SECRETARIADO EXECUTIVO



Humano CEPEV/BA; Especialista em Psicologia Reichiana SABBA/BA;
Especialista em Psicologia Pichoniana NPS/BA e Psicoterapeuta.

E-mail: mireiac@terra.com.br



1º ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO
12º ENCONTRO REGIONAL
23ª SEMANA ACADÊMICA
SECRETARIADO EXECUTIVO



Referências Bibliográficas

ARAÚJO, R. M. L., (2001). **Desenvolvimento de competências profissionais: as incoerências de um discurso**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

AURELIO, Buarque. H. F. **Dicionário Aurélio**. Editora Positivo – Nova Didática, 1986.

BODIA, Jorge. Larrosa. **Pedagogia profana**. Editora Autêntica, 1999.

BENJAMIN, Walter. **El narrador**. In. **Para uma crítica de la violencia y otros ensaios**. Madrid: Taurus, p. 111 e ss. (Ou, na edição brasileira: , (1994). Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura. In: .Obras escolhidas. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, vol. I). (1991).

CARVALHO, Mireia M. J. **Qual o futuro dos cursos de Secretariado Executivo?** UCSAL. Revista do Instituto de Letras. V.1, nr. 1, 2005.

HEIDEGGER, Marti. **La esencia del habla**. In. De camino al habla. Barcelona: Ediciones del Serbal. (1987).

LYOTARD, Jean-François, (2002). **A condição pós-moderna**. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

MAZZILLI, Sueli. **O Papel da Orientação na Formação de Pesquisadores de Educação**. Dissertação de Mestrado. UNISANTOS. São Paulo, 1995.

RAMOS, Marise Nogueira, (2001). **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Currículo como Fetiche: a Poética e a Política do Texto Curricula**. São Paulo: Editora Autêntica, 2000.

_____. **Teorias do Currículo: uma Introdução Crítica**. São Paulo: Editora Porto, 2001.



1º ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO
12º ENCONTRO REGIONAL
23ª SEMANA ACADÊMICA
SECRETARIADO EXECUTIVO

